

**CONFERÊNCIA DE ABERTURA**

**OPENING CONFERENCE**

**CONFERENCIA INAUGURAL**

Aziz Nacib Ab'Saber  
Universidade de São Paulo

**XII ENCONTRO NACIONAL DE  
GEÓGRAFOS  
OUTROS 500 NA  
FORMAÇÃO DO  
TERRITÓRIO  
BRASILEIRO**

*16 de julho de 2000  
Florianópolis - SC*

Terra Livre	São Paulo	Ano 39, v.1, n.62, jan-jun 2024	ISSN: 2674-8355
-------------	-----------	---------------------------------	-----------------

Independentemente do constrangimento que as palavras fizeram em mim, eu gostaria de dizer, em primeiro lugar, que eu me sinto muito bem nessa casa, quando eu já vim muitas vezes por outras razões. E no momento estou aqui por causa da nossa Associação dos Geógrafos Brasileiros, que participou de parte da minha vida como um complemento direto da universidade. Também gostaria de dizer a vocês que eu estou aqui em um momento muito dramático, no momento em que os jornais brasileiros estão recebendo alguma coisa que a própria ditadura fez no passado, no sentido de coibir pronunciamentos e notícias que desagradam os governantes. E por isso mesmo, talvez, a imprensa brasileira recomece aquela tradição de precisar colocar vazios entre as frases para que os governantes não tenham a sua biografia prejudicada.

E biografia, por falar nisso, é aquilo que todos nós temos que cuidar. Os moços, os adultos, os anciões, devem saber que a sua passagem por este planeta Terra deve significar uma biografia a favor do outro, do seu vizinho, da sua sociedade, das suas comunidades e dos cidadãos que compõem um país que tem uma originalidade muito grande diante do mundo. Também gostaria de dizer a vocês que a oportunidade que a gente tem de conversar com vocês é uma oportunidade de reencontro. Aqui eu vejo velhos companheiros jovens que fazem parte das minhas memórias e das minhas lembranças de tal maneira que eu me sinto muito bem.

O primeiro bloco do trabalho que eu gostaria de discutir com vocês é o papel do geógrafo em relação ao seu país, à sua sociedade e às exigências de uma nova universidade. Eu tive a oportunidade de repensar muito sobre a universidade brasileira durante as greves que estão acontecendo no país inteiro em função das dificuldades econômicas das famílias, dos funcionários, dos professores. Eu acho

que é o momento de a gente dar aquela volta por cima, fazer dessa dificuldade que, inclusive, criou situações emotivas de parte a parte dentro das universidades, fazer um esforço para que haja umas modificações essenciais na universidade brasileira. Em primeiro lugar, a questão do academicismo, das conclusões, das pesquisas, já não se justifica mais a pesquisa pela ornamentação do objeto do trabalho, o que interessa é o que ela possa produzir em termos de propostas que extravasem para a sociedade, que extravasem para a criação de uma cidadania.

E aqui eu vou lhes dizer uma coisa que eu penso com muita sinceridade e depois de muita meditação, o Brasil precisa de geógrafos. Quando eu analiso os pronunciamentos dos diversos escalões do governo brasileiro e sinto que eles falam em nome apenas de uma parte do país que foi pressionada a ser o que é por causa da dominação do FMI, que se dita da dominação norte-americana, eu vivo em estado de desespero. Eles não conhecem nada do Brasil, eles não fizeram aquela geografia que nós professamos. Nem o presidente da República, nem os ministros, nem os primeiros escalões.

Então, a minha mensagem, primeiro, para os jovens que estão aqui presentes é que nós temos que valorizar a nossa profissão, nós temos que reaprender a fazer geografia no melhor sentido da palavra e cada trabalho nosso deve ter um interesse social para colocar na frente dos governantes idiotizados pelo poder. Gostaria, em seguida, de lhes dizer alguma coisa sobre o que eu penso da nossa ciência geográfica. Em primeiro lugar, a ciência geográfica, em um país tropical de história econômica e social e étnica muito diferenciada, a geografia é sempre a própria história real do continente brasileiro. Nunca se fez em um país alguma coisa mais extraordinária do que a

geografia humana transformada em uma sucessão de histórias reais, independentemente da história formal.

E, nesse sentido, o meu conceito de geografia, a única coisa que eu poderia dizer a vocês é que a geografia estuda o suporte ecológico, note bem, é preciso dizer as palavras interdisciplinarmente, estuda o suporte ecológico das atividades do homem; por isso, é sempre geografia humana e é sempre geografia física, ecológica, fitogeográfica e natural, e esse suporte ecológico das atividades humanas se prolonga para as sociedades modernas, portanto, é o suporte ecológico das atividades humanas e o suporte ecológico das atividades de uma sociedade complexa e diferenciada ao longo de todos os espaços que compõem o país. E, nesse sentido, aquelas velhas divisões clássicas e também informais da geografia não têm mais razão de ser, a gente tem que fazer ciência em todos os níveis, mas sempre direcionadas para entender o suporte das atividades e das sucessões de história de ocupação e de sobrevivência da sociedade e de todas as comunidades. Dito isso, eu queria dizer a vocês que a Universidade Brasileira tem um dever muito grande de partir do objeto de trabalho encontrado pelos pesquisadores os mais diversos para o interesse social desta pesquisa e não se pode mais pensar em conclusões aleatórias, de uma ciência extremamente destituída de qualquer sentido social e, quando eu digo social, eu estou dizendo o político do seu mais alto nível, porque as políticas públicas feitas e dirigidas para melhorar o social são sempre necessárias. Essa é a introdução da minha fala, mas eu estou aqui cumprindo uma obrigação de ordem científico-acadêmica que tem os seus objetivos dirigidos para o social, e queria dizer a vocês que esse país é um país de geografia humana mais do que história e é de uma história sobre a sucessão de geografias humanas em um estudo

globalizado dos diversos acontecimentos da geografia humana brasileira.

E aí os historiadores que me perdoem, mas a geografia está mais presente do que a história na própria pré-história, a pré-história é feita por atividades de sobrevivência de grupos humanos de cultura primária, de culturas muito simples, mas de atividades muito complexas para a sobrevivência dos grupos pré-históricos. Então, quando se fala no Brasil da pré-história, nós estamos falando da geografia humana que precedeu a colonização e estamos dentro dos temas que foram propostos para este encontro. E nesse sentido eu queria dizer a vocês que eu nos últimos tempos estou inteiramente voltado para esse prolongamento para dentro do passado da chamada geografia humana, isso porque há muitos anos, um colega muito admirado por mim, muito prezado por mim fraternalmente, ele escreveu uma tese de doutorado famosa, que se chamava “A Função Social da Guerra entre os Tupinambás”, e meditando sobre as considerações do nosso muito querido amigo Florestan Fernandes, alguém disse, mas o problema não é o papel social da guerra, o problema é o papel social das estratégias de sobrevivência, a guerra é um dos processos pela conquista dos espaços ecológicos a fim de propiciar a sobrevivência através da coleta, da caça, da pesca e de outras atividades que um dia chegaram até a agricultura. E quando eu percebi que a função social da guerra está relacionada com os deslocamentos das pessoas ao longo de vários espaços, eu tive a intenção de pensar naqueles espaços que retêm homens e naqueles espaços que possibilitam a trajetória dos homens através de setores abertos de vegetação, mas não muito distantes de setores biodiversos capazes de ofertar alimentos para os pequenos grupos de coletores e caçadores.

E aí, então, vem um problema de ordem científica muito sério que se combina com esse fato. Há muitos anos, estive no Brasil, em 1956, o memorável Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro. Toda uma equipe de grandes cientistas franceses, belgas, japoneses, italianos, americanos, parcialmente, e nessa ocasião eles se preocuparam muito em fazer falar a estrutura superficial das paisagens brasileiras em todos os lugares, porque para eles observar a paisagem superficial era uma coisa fácil, transitando pelos ônibus em grandes distâncias para chegar ao Nordeste, até a Bahia, até o Pantanal, eles viam a paisagem, mas o interesse naquele momento era fazer falar as estruturas superficiais da paisagem em termos de como foi a história vegetacional, a história climática, a história climatobotânica e morfoclimática da país. E eu me interessei muito por aquilo, nem, porque houve um incidente de excursão, um geógrafo um pouco clássico resolveu, em uma das excursões, criticar os professores franceses que olhavam muito os barrancos para obter alguns dados da estrutura superficial da paisagem, e ele tomou uma palavra e disse o seguinte, mas diga uma coisa, a geografia que eu fazia olhava a paisagem e não apenas os barrancos, e a resposta do professor Jean Dreht foi espetacular e disse, as paisagens eu já vi ao longo desses dias inteiros de caminhada e nas minhas notas observando sempre da janela dos ônibus as paisagens brasileiras de diversos domínios, mas a estrutura superficial da paisagem, se eu voltar para a França, nunca mais terei a possibilidade de destrinchá-la e de fazer propostas para explicar a sua significância em termos paleoclimáticos e paleoambientais. Isso marcou muito a minha vida, e a minha vida tem sido marcada por mensagens desse tipo.

E mais tarde, o professor Jean Tricart voltou ao Brasil em uma excursão aos arredores de São Paulo, ele parou em um barranco

igual ao que os outros paravam lá no Nordeste, na Bahia e em toda a parte do Brasil, e me disse, Aziz, você está vendo essa linha de pedra em cima dessas rochas alteradas, mas que são substratos e, acima disso, tem um solo que nós, franceses, chamamos de depósito de recobrimento, e você está vendo essa linha, você que conhece bem o sertão do Nordeste deve ter visto enormes áreas no meio da caatinga, colhadas de seixos e de fragmentos de rocha, pois bem, se um dia mudasse o clima e os depósitos de recobrimento tamponassem aquilo, seria isso que estamos vendo no barranco. Foi uma ideia que abriu janelas para eu poder fazer toda uma intenção de estudos, procurando saber o que teria acontecido antes da climatologia atual em um momento de maior modificação climática do passado recente, ou o que teria acontecido em termos quer do espaço físico daquele chão de pedras do passado, mas também quer da vegetação que foi vinculada e correlacionada com aquele chão pedregoso. O professor Tricart me dizia, podem ter sido cerrados que eu conheço mal, podem ter sido com caatingas, o tempo nos mostrou que os pequenos redutos de caatingas existentes desde Aporaima até o Uruguai foram a caminhada e certas ampliações das condições dos setores do Nordeste por entre chapadas e por entre serranias e depressões interplanálticas polinosas, de tal maneira que o que era mais baixo recebia menos umidade e tinha um pouco mais de calor, mas o calor não era tão importante porque nós estamos encontrando cactos em regiões bem mais frias e temperadas, ainda sobrevivendo na climatologia de hoje, alinhadas apenas em certos pontos nodais de blocos semi-rochosos, campos de boulders, lajedos com canelulas e com gravatás e bromélias, naturalmente.

E a partir disso me interessou muito pensar na pré-história. E aí veio uma outra ideia bastante importante em termos de ciências

interdisciplinares. Um dia, estava se reunindo em Manaus, no famoso Hotel Nacional, Hotel Tropical de Manaus, uma grande assembleia de biólogos do mundo inteiro, convidados pela Associação Americana de Biologia e Internacional de Biologia, a TTP, e o governo brasileiro orientado por um general que não era um dos mais dramáticos representantes do governo ditatorial, mas era também muito, estava muito longe de debater as grandes coisas com a universidade.

Isso se tornou até hoje alguma coisa de fantástico. Debate-se com todo mundo, com as ONGs e com os técnicos que já estão lá dentro do governo, mas não são capazes de debater com a universidade brasileira. E nós vamos ter que exigir que os Fernandos Henriques, e os Covas, e os governadores que não têm essa capacidade de debater propostas e projetos com a universidade, que eles fiquem execrados na sua história e na sua biografia.

A reunião dos biólogos não pode ser realizada naquele grande hotel lá da beira do Rio Negro. E os organizadores tiveram que, de um modo empírico e imediato, mudar a reunião para Macuto La Guaira, na Venezuela. E, além disso, era proibido dos cientistas brasileiros viajarem com facilidades. Era preciso pedir direito de sair do país e outras coisas mais. Isso era a ditadura e é a única coisa que eles não conseguiram agora na democracia extremamente parcial, fazer com que a gente não possa caminhar pelo mundo. Já é uma grande coisa.

Mas eu consegui, através de um amigo do MEC, que ele pedisse autorização para eu poder sair do país. E fui à reunião de Macuto La Guaira, e dois cidadãos, um de Rio Preto e outro de Manaus, por vias indiretas, saindo de cursos no exterior, também



estiveram lá. Éramos três brasileiros na reunião que deveria ser realizada nos arredores de Manaus.

E o Ministro da Educação nos ofendeu profundamente, dizendo que ciência não tinha fronteira e que lá estava a liberdade para nós discutirmos todos e quaisquer problemas da vida natural na face da Terra e que ele lamentava muito aqueles países e aquelas pessoas que proibiam o debate científico. Eu me senti arrasado. E só não me senti tão arrasado porque fiz uma das conferências que depois foi publicada no livro *Biological Diversification in the Tropics*, e pela primeira vez apareceu um pouco mais da Teoria dos Refúgios e como mapa que eu fiz sobre conhecimento de campo, tentando colocar os corredores de penetração das caatingas sobre aquilo que hoje são florestas ou, ocasionalmente, são mosaicos de cerrados e florestas, nas mais diferentes partes do Brasil do Sudeste e do Brasil do Sul. E no Brasil do Sul, com Araucárias e na pradaria mista do Rio Grande do Sul, como os prados mistos, aflora, às vezes, em um lugar em que o chão de pedras estava muito raso, um cacto, lembrando como reduto a história vegetacional e paraclimática daquele cacto.

Mas eu não vou hoje tratar da teoria dos redutos e dos refúgios, porque a teoria dos redutos e dos refúgios já é bastante divulgada hoje. Eu fiz um trabalho um dia desse chamado Redutos de Flora, Refúgios de Fauna e Refúgios de Homem, usando os nomes da antropologia cultural clássica que eu consegui destrinchar e que já tinha esse nome bonito de Refúgios de Homem, como são as regiões selváticas mais isoladas do mundo, como a região dos Yanomâmis e outras áreas que estiveram sob a forma de refúgios de homens e que foram, em função da falta de projetos defensivos, sobretudo da falta de um ideário de *buffer zones*, de verdadeiras zonas tampões, para

evitar a rápida desvinculação e fragmentação das culturas tradicionais, primárias e, por isso, mesmo os refúgios de homens foram agredidos por projeções da base da sociedade brasileira, pressionados pelo capitalismo selvagem que transforma aquilo que os jovens geógrafos brasileiros disseram desde há 20 anos, muito mais do que os mais velhos, dizendo que hoje todo o espaço é mercadoria, e é mercadoria. E é por isso que o senhor deputado Micheletto, do Paraná, quis modificar o Código Florestal para que os proprietários de terras da Amazônia, mesmo não tendo capacidade para fazer uma economia ecologicamente autossustentável, pudessem se dispor dos espaços e vendê-los em pedaços para fazer patrimônio.

E então eu queria dizer a vocês um fato que ocorreu com a geografia humana dentro da pré-história, para meu entusiasmo pessoal e a minha curiosidade. Na reunião de Macuto La Guaira, eu encontrei o casal Betty Meggers e seu marido Clifford Evans, que eram grandes estudiosos da Amazônia, e eles me procuraram por causa de um mapa paleoclimático de 23 mil a 13 mil anos do Brasil, e me pediram um almoço muito fraternal, me pediram opiniões sobre um fato, será que no momento que as florestas se reduziram e as caatingas se ampliaram, e esse cenário de deposição indo até a Amazônia e até outros lugares, chegando talvez até a Roraima -- será que isso não favoreceu a marcha e a trajetória dos grupos pré-históricos de coletores e caçadores?

Eu tive que meditar um pouco e dizer a eles que, certamente, o roteiro dos grupos pré-históricos de caçadores e coletores, no momento em que as drenagens eram intermitentes em sazonalidades como as do Nordeste, e ainda não existia a pesca e não existia ainda a cerâmica, é evidente que houve marchas mais adiantadas no espaço

procurando sítios favoráveis, e foi assim que certamente encontraram as poucas áreas de distritos cársticos com grutas, e ali alguns grupos se sedentarizaram e outros grupos fizeram guerras como os que primeiro chegaram procurando aquele abrigo natural que tem uma finalidade muito importante para o homem. O homem, o coletor e o caçador não têm casa, não têm moradia, mas no dia em que encontraram as grutas, eles encontraram a primeira moradia natural capaz de ser ofertada pela própria natureza e, por isso, os relevos cársticos e as inscrições que estão lá dentro deles representam uma parte da história da humanidade. Parênteses - Niède Guidon me telefonou um dia desse lá do Sul, do Piauí, e me dizendo o seguinte: - “Professor Aziz, defenda a nossa região se possível, porque o governo brasileiro resolveu transformar os arredores da Serra da Capivara, um dos maiores patrimônios universais do Brasil”. E resolveu transformar em áreas de assentamento de populações, porque aqui tem pouca gente, então, na cabeça dos ignorantes, tendo pouca gente, é melhor colocá-los aqui, independentemente da fertilidade do solo, independentemente do Custo Brasil em termos de transporte e de produtividade, independente dos ciclos de economicidade também estudados por Leo Waibel na sua passagem pelo Brasil. E o pior é que os fazendeiros de grandes glebas inúteis daquela região resolveram imediatamente roçar a caatinga, desmanchar a paisagem para dizer que eles estavam produzindo alguma coisa, e por isso, na hora da desapropriação, ter mais vantagens perante o governo federal.

E aí, a Niède completou uma coisa fantástica que eu gostaria de dizer a vocês, para vocês saberem que o capitalismo selvagem se desdobra em episódios que não têm fim. Então, dizia a Niède, e agora, para nos provocar a nós que fizemos de São Raimundo Nonato um

centro de pesquisas internacional, tendo hotéis e tendo lugares para os pesquisadores e tendo um museu. Agora que tudo isso foi feito, o ódio dos fazendeiros dos arredores pela região em que nós trabalhávamos muito para, ao mesmo tempo, em que pesquisávamos, formar um grupo que pudesse ter um certo desenvolvimento local e subregional, agora os fazendeiros usam as inscrições rupestres como alvo para os seus tiros na calada da noite e da manhã.

Vejam bem que problema do ponto de vista cultural será esse. Lá estão inscritas partes da história da humanidade dentro da América Tropical, e de repente têm as inscrições dos homens novos que chegam lá no fundo das grutas de Minas Gerais e escrevem os nomes dos casais Maria e Raimundo, Raimundo e Helena, etc. E, além de tudo, lá nos profundos das cavernas, eles usam como banheiro, deixando a nota da falta de cultura e da falta de gerenciamento que o governo brasileiro não consegue fazer de modo nenhum. Não se sabe gerenciar nada nesse país em termos das áreas que precisam de maior necessidade de gerenciamento. Então, a Betty Meggers reinaugurou uma Geografia humana para nós todos que cuidamos apenas da geografia humana do presente. É a retrospectiva mais antiga, aquela em que os homens estiveram primeiro percorrendo enormes territórios e depois entrando por lutas e se sedentarizando por algum tempo antes que outros chegassem e guerreassem.

Mas aqui eu quero contar um episódio doloroso da universidade brasileira.

Eu tive um certo relacionamento com a Madame Perret em termos culturais. Madame Perret era casada com um grande arqueólogo e pré-historiador que andou estudando primeiras grutas

de Minas, andou estudando os sambaquis e depois morreu lá na Patagônia e ela própria acabou morrendo em Curitiba. O francês é muito *pão durinho*. Então, ela se alojou na casa de um amigo que estava em Brasília e não tinha ninguém ali para controlar e, na noite de um dia fatal, o gás se exalou até o quarto da Madame Perret, e ela morreu em Curitiba. O marido nas grutas da Patagônia, e a Madame em um quarto de uma casa amiga em Curitiba. O que mostra que a atividade do pré-historiador e do arqueólogo é pouco como a nossa.

Nós percorremos áreas enormes, sem dinheiro, por cima de caminhões, tentando conhecer o país e os arqueólogos têm que trabalhar fazendo a estratigrafia dos depósitos com muito cuidado para saber o que veio antes, o que veio depois, e o depois do depois. E um cidadão de São Paulo, que é docente da minha universidade, declarou no dia desse que não existe arqueologia no Brasil, e que a arqueologia é uma coisa que deveria desaparecer e só ficar na mão do estrangeiro. Um pouco na linguagem do presente. E eu fiquei desesperado daquele desaforo que saiu na Folha de São Paulo para os meus amigos da arqueologia e da pré-história, mesmo quando eu penso que a pré-história é um tipo de geografia humana muito especial, muito inteligente e muito relacionada com as nossas atividades interdisciplinares.

Porém, dito essas coisas para vocês, eu devo apresentar que o acaso é muito importante na história dos conhecimentos. Hoje, no avião, eu abri o estado de São Paulo e tinha uma página inteira sobre as inscrições de rupestres da Ilha de Santa Catarina em diversos de seus pontos. E eu fiquei super interessado, porque lá na Serra da Capivara, que eu não conheço por razões de dificuldade de viagem, eu não gosto de pedir dinheiro nem para CNPQ, nem para CAPES, nem para FINEP, porque eu consegui trabalhar nesse país inteiro,

fazendo palestras, conferências, debates e inquéritos. E por isso mesmo, eu deixo o dinheiro para que eles façam aquilo que eles fizeram sempre, ou seja, eles entregam todos os recursos para menos de 100 pessoas, pessoas que têm menos vida do que os recursos que dispõe.

Veja só, agora é a hora da gente cotejar. Quando comecei a minha vida, eu percorri realmente todos os domínios, saindo da minha terrinha, com morros arredondados e florestas mais ou menos eliminadas pelo ciclo do café e transformadas em fazenda de gado, e numa época em que as pessoas achavam que limpar a paisagem era um fato cultural, os que compraram as áreas que pertenceram aos fazendeiros de café. Depois eu fui para o Brasil Central e, para mim, foi uma descoberta verificar outro domínio de natureza, outras condições fitogeográficas, outra associação entre fatos interfluviais e galerias florestais por entre o domínio do cerrado. Mais tarde, quando eu descí da Serra da Borborema, olhando a planície, apraigada de pátios e os incelbergs emergentes dentro daquela paisagem, que é muito parecida com as paisagens que eu via nos meus livros sobre a África, na região da Namíbia, eu disse agora, descobri o terceiro domínio.

Não basta a divisão, do mostruário de domínios pela vegetação, é preciso vincular a vegetação aos compartimentos de planalto. Quando eu aprendi as coisas sobre o Nordeste no ginásio, me diziam que o Nordeste é a terra das chapadas, sobre as quais existiam caatingas e, quando eu chego, vejo que o Nordeste verdadeiro, semiárido, se estendia por direções entre o Ibiapau, o Araripe, o Apodi e as serrinhas todas, era sobretudo, principalmente, mas não exclusivamente, a única área semiárida em depressões interplanálticas extensivas e complexas. Depois eu fui à Amazônia

com dificuldade, fui no bico de um avião da FAB. Os Estados Unidos, para pagar o seu débito com o Brasil, que forneceu bases para a invasão da Europa e do norte da África, os Estados Unidos nos doaram algumas fortalezas voadoras. No departamento de Geografia, existia um professor — Ari França, que era irmão de um piloto da FAB. Um dia, o Ari chegou lá e disse que tinha dois lugares para geógrafos irem até Manaus e foi assim que eu, no banco de uma fortaleza voadora, durante três dias, no maior incomodo possível, cheguei até Manaus e comecei a estudar a Amazônia, que é uma das áreas que eu gosto muito de trabalhar, mas é difícil, porque se trabalha aqui, ali e acolá. Não existem grandes possibilidades de transectos projetados pelo próprio pesquisador e, por isso mesmo, o Nordeste é mais simples, é bem como uma vida pré-história, a gente pode cruzar o Nordeste por todas as áreas estudando todos os sertões. Eu queria dizer a vocês que, no dia desse, eu escrevi um dossiê Nordeste na Revista 36, do Instituto de Estudos da Amazônia da USP e, ainda, fiz o meu mea culpa em termos de não ter trabalhado mais sobre o Nordeste, sobretudo para poder orientar mais os problemas que algumas personalidades bizarras querem fazer, transpor as águas do São Francisco, sai daqui, passa por ali e chega lá, como se isso fosse uma coisa simples.

E queria dizer a vocês que, um dia, eu fui fazer uma conferência perto desse cidadão que se diz engenheiro militar e, hoje, aposentado, que quer tirar a água do Açude de Curemas e levar para os Cariris Velhos, e eu coloquei a imagem de satélite, tendo a Chapada do Araripe e, depois, a Borborema, a parte norte com Ceará e o Rio Grande do Norte, a parte sul com a Bahia e Pernambuco. E o homem pegou um mapa desse tamaninho e colocou no quadro para mostrar o que ele queria sair daqui de Cabrobó, passa por ali, chega

lá e está resolvido. Então, eu peguei e disse, mas vai mais que satélite está lá, o senhor quer fazer o favor de mostrar o itinerário? E ele não sabia usar aquilo, que, para nós, é uma das soluções mais importantes. Eu, atualmente, fico pensando que a grande contribuição para a gente ter uma ideia do espaço total brasileiro chegou, são as imagens de satélite em falsa cor, bandas 3, 4, 5.

E vou lhes contar também, hoje eu estou disposto a cortar historinhas e fazer algumas coisas que, em geral, a gente não faz. Um dia desses, desceu uma comissão do Ministério das Relações Exteriores, do Instituto de Estudos Avançados, para discutir a exposição de Hanôver e, junto com elas, um alemão, que era um dos delegados alemães para pedir ao Brasil que acelerasse o seu projeto de espaço cultural dentro de Hanôver. E aí, o diretor do instituto, por razões óbvias, mandou me chamar e nós tivemos que estar com aquele grupo. E o alemão estava desesperado e criticava o Brasil, mas o senhor já pediu que está com o projeto pronto e isso e aquilo, porque a exposição vai ocorrer logo etc.

E o ministro que veio falar conosco, muito educado. Eu ouvi tudo aquilo, depois pedi a palavra e disse, — "se se trata de apresentar o Brasil para a curiosidade do europeu, não faça mais aquilo que vocês fizeram em Portugal, ou seja, uma ornamentação como se fosse uma exposição. Vamos fazer coisas sérias. Eu me comprometo a examinar todos os quadros das imagens do satélite sobre esse litoral brasileiro".

Esse litoral que começa na Amapá, termina no Rio Grande do Sul, é a maior faixa de litorânea tropical que existe para qualquer país do mundo. E nós não temos nas universidades o quadro geral desse litoral que hoje está sendo sacramentado pela história, porque em algum ponto deles chegaram as caravelas portuguesas e outros



aqui chegaram para dominar o espaço, e houve os conflitos que transformaram o país em um país colonial português.

O ministro achou muito boa a ideia, eu trabalhei quase que uma semana, fui a São José dos Campos, consegui os índices, fiz os quadradinhos de cada área, coloquei cada imagem de satélite em uma bancada baixa, dessas lupas que os arquitetos usam, para que as pessoas quisessem olhar Porto Seguro com a paisagem do Amapá, ou a belíssima paisagem da Lagoa dos Patos e do maciço de Porto Alegre, pudessem olhar com detalhes.

Mesmo porque imagens de satélite do centro da Bahia com as cristas paralelas da chapada da Diamantina e do Espinhaço, ninguém vai entender, mas o litoral com o mar, a praia, as lagunas e os deltas intralagunários, é fácil. E seria muito bonito! Não consegui que o ministro falasse mais uma vez comigo, ele achou ótima a ideia, o alemão virou-se e disse, mas isso é o que nós queremos, apresentar o Brasil ao homem da Europa. E o ministro nunca mais me atendeu.

Falei com várias pessoas do Brasil. Falei com o São José dos Campos, e me chamaram uma pessoa que é chefe do museu e é apenas uma ornamentadora, e ela disse - “isso é assunto para nós aqui”. E não fez nada. E depois, na última hora, contrataram uma ornamentadora, que tem parentescos e amizades com a família do presidente, e ela fez todo o modelo ornamentado da exposição brasileira, sem colocar as realidades que tínhamos trabalhado junto com uma comissão que procurava ideias. Eles procuram ideias, mas não respondem a essas ideias.

Essa é a constante. E a última que eu tive de decepção nesse nível foi com o Código Florestal. Alguém falou que, depois de 40 anos de vigência do Código Florestal brasileiro, era preciso modificá-lo em suas necessidades novas. E ocorre que, então, os deputados que

sempre pretendem ter projetos sem ter cabeça, sem ter conhecimento, ofereceram uma coisa extremamente anti-geográfica.

Disseram o seguinte, é preciso colocar a Amazônia no mesmo esquema das outras partes do território. O uso do espaço deveria ser de até 50% em cada propriedade e não 25%. E todos nós geógrafos que temos uma ideia das consequências, dos impactos de um processo desse tipo, porque a gente sabe observar as fotografias aéreas e as imagens de satélite, sabemos que tendo uma greba pequena aqui, uma média aqui, uma grande aqui, uma pequena, uma média, cada um tem direito de fazer até 50%, o que sobra uma série de chumaços de vegetação que perde a biodiversidade rapidamente e depois vão ser transformados em área de exploração madeireira e, para poder transportar a madeira, vão multiplicar os caminhos e, multiplicando os caminhos, a demolição da floresta é maior, sobretudo porque nós temos o exemplo do Sul do Pará, onde, em 13 anos, foram eliminados 51,5% do espaço total, isto medido no ano de 1996. Então, pessoal, nós, geógrafos, temos que fazer do nosso trabalho, ciência do lado, aplicação de ciência do outro lado, controle de propostas erradas. Querem transpor as águas do São Francisco, todos nós estamos de acordo, desde que haja continuidade no processo da transposição e dos pagamentos, coisa que o Brasil não tem, no momento; e, segundo lugar que se faça a reforma agrária do Vale do Jaguaribe, mesmo porque, dentro do Vale do Jaguaribe, o único espaço do povo é o leito dos rios, fica sete meses exposto ao ar e a água se infiltra por baixo das areias, aí essa não evapora tão rapidamente.

Mas os homens cultivam ali, do leito do rio, desde que as águas descem, fazendo os leilões com culturas de interesse para as feiras nordestinas e para a sobrevivência dos que cultivam. E também, se a gente soltar água para dentro daquilo, vai acontecer o que um

cidadão da beira de Jaguaribe, de Jaguaribá, me falou. Professor, o que acontece é que isso, para nós, é essencial. Nós produzimos, nós vendemos e as pessoas se alimentam a custo baixo.

Mas o que está acontecendo é que a SUDENE e o DNOCS, lá em Fortaleza, lá em Recife, não estou criticando o DNOCS historicamente, nem a SUDENE, mas estou criticando o acontecimento. Os fazendeiros, politicamente, pressionam as autoridades e elas mandam despejar a água, sangrar os açudes. Resultado, a água do açude mata a nossa cultura de vazante. Então, tudo isso tem que ser errado.

E daí, porque um geógrafo tem que começar a trabalhar em vários outros níveis de temáticas. Eu anotei alguns que eu fiz ao longo do meu trabalho no passado. Eu comecei um círculo de inundação, bacias sedimentares, exaltando, havendo desnudação semicirculares no seu entorno. Depois eu parti para o conhecimento dos ecossistemas de cada domínio. É triste e dramático que uma pessoa da área biológica, por exemplo, escreva o ecossistema do Pantanal. Meu Deus! Que ignorância! O Pantanal é um dos espaços de vários grandes domínios, de multiplicação de ecossistemas, o ecossistema dos cerrados ou do chaco oriental da Amazônia, da periferia da Amazônia. E, dentro disso, a função de modificações relacionadas com a descida dos cerrados depois de uma fase muito seca que houve por dentro daquela depressão hidrofórmica.

Então, eu estive pensando o seguinte, nós temos a responsabilidade de estabelecer aquilo que os biólogos não puderam estabelecer, quais os ecossistemas existentes em cada domínio da natureza brasileira, ou seja, nos famosos domínios morfoclimáticos e fitogeográficos. Estabelecer as suas diferenças, na Amazônia -- existem enclaves de cerrados, existem enclaves de campestres,

existem campos inundáveis em Marajó, existem campos inundáveis no Delta do Araguari. E, por falar no Delta do Araguari, lá em Amapá, eu devo dizer a vocês que é uma das regiões mais isoladas do mundo.

Uma cidadezinha minúscula de umas vinte casas chamada Amapá, que foi a que deu o nome para o território e depois o estado. E lá, alguns americanos já estiveram para fazer uma base para se transpor as suas tropas para o norte da África e para a Europa Ocidental. Pois bem, mas se não forem os geógrafos, quem é que vai orientar o governo do Amapá? O Amapá não tem praias.

É o único estado que tem na terra amazônica uma espécie de estiância de argilas com um tipo de ecossistema implantado no lodassal. E, do outro lado, do lado atlântico, tem um ecossistema de manguezais com muitos tipos de mangue devido o esparramento da bolha de sedimentos que acontece na frente do Marajó, e que se estirca da corrente tropical norte brasileira na direção das Guianas e que deixa uma parte do material em dissolução das águas do mar acumuladas recentemente para dentro das rias do nordeste do Pará, e do norte e do oeste do Ceará. Tudo isso fazendo com que alise uma natureza extremamente adecumênica, aquelas rias todas com os manguezais laterais apenas de vez em quando frequentada por uma embarcação que veio capturar caranguejos e, depois, na frente das barreiras escondendo todas as falésias que talharam os tabuleiros, escondendo algumas penetrações sucessivas de manguezais frontais, os únicos manguezais que não acontecem na retaguarda dos estuários, mas acontecem caminhando dentro do mar em função do material argiloso que sai da boca norte do Amazonas e da boca sul do Amazonas. Então, eu dizia para o governador do Amapá, que teve a

gentileza, um dos poucos governadores que compareceu à universidade, para discutir com os alunos de Geografia na USP.

Eu dizia a ele, já que vocês não têm praias, não podem fazer um turismo para além. E, por isso, mesmo, vocês devem usar daquele porto que vocês ganharam, porque acabaram as organizações nacionais e multinacionais de eliminar tudo de manganês que existia na pequena ferrovia que saía do Porto de Santana até a Serra do Navio. Na Serra do Navio, existia um *Pão de Açúcar* deitado gigantesco só de minério de manganês, que o mundo inteiro estava precisando naquele momento, na década de 40, estava sendo esgotado o manganês e as siderúrgicas iriam entrar em falência por falta de manganês para dar ductibilidade para o ferro gusa deles. E, de repente, aquilo foi esvaziado em 40 anos, hoje existe um buraco enorme e a estrada de ferro foi desativada e não se sabe o que fazer com os arredores, em onde se implantou uma pequena cidade de apoio e, ao mesmo tempo, o porto já não tem função para transportar minérios.

E, daí, seria interessante que o Amapá se adiantasse e fizesse parcerias internacionais para ter um turismo de muito valor, de renovação da cidade, com a renovação da Zona Franca que eles têm e com a possibilidade dos navios saírem dali e darem a volta pela traseira do Marajó. Tenho certeza que se isso houvesse muito de nós, mesmo com dificuldades, estaríamos fazendo essa grande viagem, passando pelo Estreito de Breves, entrando na Baía das Bocas, seguindo para Baitetuba, chegando a Belém e, depois, retornando pelo Mar Doce, aquele mar que tem a lenda de que os portugueses que queriam ir até o Amapá e, dentro do barco acabou-se a água e eles estavam morrendo de inanissão e o barqueiro indígena estava muito firme porque ele sabia que a água era bem doce, ele podia

alimentá-lo e, enquanto os outros não tinham água, a sabedoria indígena transformou a viagem em uma viagem factível.

Mas, também, eu queria dizer a vocês que o povo estava à frente de nós cientistas, em muitas pequenas coisas. Quando eu desci o Canal de Breves, que não é um canaleta, é alguma coisa de 600, 800 metros de largura e pontilhado por cidadesinhas que são aquelas que transformam as madeiras cortadas da floresta em placas para vender para o mundo sem dizer que estão explorando a floresta. E, quando eu desci o Estreito de Breves, lá, no fundo do Estreito de Breves tinha uma série de bocas, prolongamentos de um delta e o povo chamou isso de Baía das Bocas, o que significa que eles descobriram que ali é delta e, quando eu era aluno, se dizia que a gente não sabia se é estuário ou delta, mas acontece que é delta. Entre a costa interior de Marajó, a retroterra, a traseira de Marajó e o começo das baías de terra firme, existe um vão. Esse vão era água durante o último ciclo. Quando o leito do Amazonas desceu até menos 100 e o leito do Rio Pará também a menos 100, houve uma incisão fluvial na parte traseira de Marajó e alguns dos vales da beirada de um talude de tabuleiro foram bem escavados e, quando o mar subiu, ele formou um canal entre Marajó e essas incisões, e as incisões se transformaram em lagos de terra firme.

Uma velha expressão de Paul Le Cointe, ele dizia que existem lagos de várzea, lagos de planície, mas existem lagos de terra firme, ou seja, áreas de incisões que foram feitas durante os 23 mil e 13 mil anos, quando o mar estava mais baixo e os rios fizeram um retrocesso erosivo, uma erosão regressiva, e talharam algumas bordas de tabuleiro e depois o tabuleiro foi fechado.

No caso da traseira de Marajó, fechado pela sedimentação deltaica, é um dos deltas inter angulares mais bonitos do mundo e

continua descendo uma boa parte de água e por ali pode se passar, vindo do Amapá, ou vindo de Santarém, ou vindo de Monte Alegre e passando pela Baía das Bocas, que tem 22 quilômetros de largura e que tem o aspecto ainda de um estuário muito encarneirado, como dizia hoje, por acaso, alguém que estava ao meu lado na poltrona do avião, ele olhava lá para o mar todo cheio de rugas esbranquiçadas e dizia o mar está encarneirado e ele não sabia que nós cientistas chamamos alguns tipos de fatos de *rocha encarneirada*. Só que agora é o mar que, em função do clima, estava turbulento.

Mas veja bem, basta conhecer Cuba, que é o país mais pressionado perversamente pelo bloqueio dos americanos. E os cubanos resolveram conquistar a sua autonomia em termos econômicos, provocando a ida pessoas do mundo inteiro para dentro do seu território, praticamente dando de graça a passagem aérea e depois dando, por poucas centenas de reais, a possibilidade das pessoas estarem em uma das regiões turísticas mais bonitas que eu conheço no mundo, que é a Península de Varadero. E as pessoas compram a passagem e a estadia e pagam os gastos de alimentos e pequenas coisas artesanais. Um dia depois de retornar de Havana, em uma viagem em que eu estive apenas preocupado com a Geografia e não com a política do Fidel, que eu considero ser ditatorial, mas acontece também ter uma justiça de nível intermediário, que foi o que me levou a Cuba, através da Associação dos Funcionários da Justiça do Estado de São Paulo, por convite deles.

E, de repente, eu pergunto para uma pessoa que tinha uma bicicleta, como se fosse o Rikcha. E eu pergunto -- “mas vocês têm direito de ir para outros lugares?”. Ele disse assim, como é que podemos ter direito? Primeiro, é porque a gente ganha tão pouco que não podemos sair. Eles ganham 140 pesos cubanos, dizendo que cada

21 pesos valem US\$1, eles ganham US\$7 de salário mínimo, sem generalizar. Mas eles têm saúde pública das melhores do mundo, têm educação forçada para as crianças, porque os pais seriam condenados se não pusessem as crianças na escola, e têm a biotecnologia mais avançada de todas as Américas e talvez do mundo. Eles descobriram, inclusive, produtos que acabam com o colesterol. E, como todos nós vamos envelhecer, é bom que você saiba que tem um produto que os pobres coitados, vendem nas ruas escondido porque é para formar algum dinheiro, chama-se PTG, é o antiolesterol mais famoso do mundo.

Vêm os americanos comprar um remédio antiolesterol dentro das ruas de Cuba ou dentro dos hospitais de Cuba. Mas aí eu perguntei para o cidadão se estava havendo alguma distensão na política de privatização e eu recebi uma resposta de que eu pretendo dar àqueles que prejudicaram a sua biografia, com ordens de poder nesse país. O rapaz me respondeu — “aqui não se vende nada”. E eu pensei, meu país estão vendendo tudo.

E como vocês estão vendo, isso não é uma conferência, é um bate-papo. Queria dizer a vocês que, quando eu li o projeto do Código da Florestal novo, do senhor Moacir Micheletto, fiquei furioso, indignado. Um dia quero conhecer essa pessoa. Ele deve ser mais moço do que eu, mas não tem importância.

Mas, veja bem, eu resolvi fazer um código das biodiversidades regionais. Será que precisa ser só a floresta? E a caatinga? E o cerrado? E as pradarias mistas? E os planaltos de Araucárias? E as faixas de contato que eu estabeleci com muito cuidado? O problema dos domínios já era conhecidos em termos de vegetação desde Martius, desde 1858, quando publicou seu mapa de domínio de vegetação, apenas não conseguiu destrinchar os dois domínios extra-



tropicais que ele fez como se fosse um só. O dele são cinco, o nosso são quatro inter-tropicais e dois sub-tropicais.

Mas a nossa forma de observar os grandes polígonos nos levou a saber que existia uma anastomose de área de contato e de transição entre os grandes domínios brasileiros. O domínio Tropical Atlântico Brasileiro faz transição para o Nordeste, faz transição para o Cerrado, faz transição para a Araucária, a Amazônia faz transição para o Cerrado, faz transição para a caatinga, não dava para fazer uma linha separando a Amazônia superúmida do nordeste semiárido. Então tem que ser em uma faixa complexa, às vezes compartimentada, com vários tipos de ecossistemas intermediários. As vezes tem um tampão de vegetação diferenciada, como são os tampões existentes nos portais do Maranhão e o tampão existente nas florestas intermediárias entre a mata fria do Planalto Sul Baiano e o começo das caatingas, e outros tampões em forma de mosaicos, como aqueles que existem nas regiões sedimentares arenosas de solos pobres do estado de São Paulo. Por sinal que um dia desse eu descobri que a linha de pedras estava encimada por solos avermelhados e em cima dos solos avermelhados existia um reduto de Cerrados.

Portanto, antes dos cerrados estarem ali e antes das matas estarem no fundo dos vales alargadas pelas vertentes, existia um clima semiárido mais extensivo na região de Salto e Itu, onde ocorrem campos de bulbos enormes e todos eles com cactos, porém com as balas de granito ali formadas no passado. E pessoal, por que não fazer o mesmo? Esse país tem que descobrir meios de ter economicidades sem precisar vender com preços aviltados para companhias absolutamente selváticas dentro do capitalismo absolutamente também selvagem. Por que fazer tudo isso?

Será que os economistas desse país nunca estudaram alguma coisa que pudesse mostrar a eles o conjunto do território, o conjunto dos suportes regionais que têm reconhecimentos de matas e de ecossistemas naturais e tem agroecossistemas diferenciados.

Tem alguns exemplos de economias autoecologicamente sustentáveis, como é o caso do projeto RECA, lá na fronteira do Acre com a Rondônia, um dos exemplos de possibilidades muito amplas de fazer alguma coisa sem destruir a biodiversidade, de fazer aquilo que algumas pessoas defendem, desenvolvimento com o máximo da floresta em pé. Quando eu digo o máximo da floresta em pé, significa desenvolvimento com o máximo de biodiversidade *in situ* e não *ex sito*, que é uma dúvida. No entanto, há dois dias eu ouvi uma conferência apresentando um livro feito por pessoas da área militar em que eles execravam o ecoturismo e não conseguiam dizer nenhuma proposta mais razoável para o nosso país.

E a gente estava com eles porque eles eram nacionalistas, só que o nacionalismo tem que ser um nacionalismo racional e inteligente, e o papel dos geógrafos será sempre uma questão de inteligência colocada nas propostas, na discussão de propostas de quem quer que seja com muito equilíbrio a favor do futuro desse país que merece o nosso trabalho. Muito obrigado!

Submetido em: 03 de junho de 2024

Devolvido para revisão em: 25 de junho de 2024

Aprovado em: 02 de setembro de 2024

DOI: [https://doi.org/10.62516/terra\\_livre.2024.3608](https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3608)

Como citar:

AB'SABER, A. N. CONFERÊNCIA DE ABERTURA XII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS: OUTROS 500 NA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO. **Terra Livre**, São Paulo, Ano 39, v.1, n.62, jan-jun 2024, págs. 20-45. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3608>. Acesso em: dia/mês/ano.